

## VÁRIA

### DISCURSOS PROFERIDOS NA SESSAO SOLENE DO INSTITUTO DE COIMBRA NA QUAL SE INAUGURARAM AS CONFERÊNCIAS SOBRE A CULTURA INGLESA

Ex.<sup>mo</sup> SENHOR EMBAIXADOR DA INGLATERRA

SIR. LANCELOT CARNEGIE!

MIR. DOUTOR PIERIS!

Ex.<sup>mo</sup> REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA!

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES!

A situação em que tenho a honra de encontrar-me, de presidir à antiga sociedade o Instituto de Coimbra, que já atingiu o septuagésimo quinto ano de existência, permite-me gosar um momento de satisfação, ao ver esta sociedade scientifica altamente prestigiada com a presença no seu seio da elevada personalidade que é Sua Excelência o Embaixador da gloriosa Nação Inglesa, nossa aliada há muitos séculos, e sempre tão estreitamente ligada ao nosso país, que com justificada razão podemos supor indissolúveis os laços que nos unem.

Excelentissimo Senhor Embaixador! É também com grande júbilo que confiadamente observo que será duplamente agradável a Vossa Excelência encontrar-se neste meio. — Por se ver rodeado pela mais profunda veneração e carinho dos membros do Instituto de Coimbra, que nesta antiga Universidade lança as raizes que lhe fornecem a seiva intellectual, com que dia a dia mais se radica e desdobra novos braços, estendidos com affecto e admiração para todo o mundo scientifico. — E porque ao mesmo tempo lhe recordará, encontrando-se na sala nobre da nossa Universidade, junto do nosso sábio Reitor e dos meus Ilustres Colegas, os tempos em que na prestigiosa Universidade de Oxford, contemporânea desta nossa de Coimbra, e que constantemente tem conservado uma posição primacial, preparava o seu espirito para ascender às altas regiões em que se encontra, com a demonstração de especial aprêço do seu país, que só o tributa a quem como Vossa Excelência possui um

elevado talento e as mais distintas qualidades, que também lhe conquistaram no nosso a mais profunda admiração e simpatia.

E estou seguro de que interpreto os sentimentos de todos os elementos desta cidade, entre os quais avulta a mocidade académica, que desde as mais distintas regiões aqui aflui, e torna esta cidade a mais legítima representante do nosso país, saudando em seu nome a Vossa Excelência, e afirmando-lhe que é registada como subida honra, e prova de affecto, a consideração que Vossa Excelência vem testemunhar-nos.

Excelentíssimo Senhor Embaixador! Três pontos de vista diversos se me oferecem ao considerar o notável acontecimento que neste momento se desenrola nesta sala, impregnada de gloriosas recordações, que já compreendem a honra da presença de Vossa Excelência no solene acto com que foi comemorado o nosso insigne navegador Fernando de Magalhães, e que ficará inscrito como mais um facto memorável de data inolvidável: — Político, científico, e sentimental, que para mim tem particular aprêço. Sem dúvida o nosso objectivo é superiormente a investigação e difusão científica.

Contudo, também é certo que não podemos alhear-nos de que qualquer de nós, integrado nesta instituição, ou considerado isoladamente, faz parte de um organismo social que desde longa data marcou uma situação notável entre os povos civilizados.

Se é do nosso dever prescrutar a verdade e divulgá-la, também é nossa obrigação dar exemplo do mais acendrado patriotismo e demonstrar ao mundo culto, que os homens a quem na antiga Universidade portuguesa está incumbida aquela missão, compreendem devidamente os superiores interesses do seu país, e procuram dar aos alunos que frequentam este centro académico a nítida impressão de que se orientam, também neste campo, pelos sagrados ideais que devem guiar a nossa querida Pátria, sempre ciosa da sua independência, sempre disposta a sacrificar vida e fortuna para espalhar a civilização e colaborar com as nações que porfiadamente se empenham em conseguir este resultado e entre as quais, a Inglaterra, se encontra sempre na vanguarda.

Nenhuma dúvida pode ser posta à verdade destas afirmações, e é para mim de grande satisfação poder aqui formulá-las.

E sem querer agora insistir na recordação do nosso passado, cheio de intensas e belas fulgurações, e quando mais do que nunca é preciso demonstrar pelos factos presentes que somos dignos descendentes duma raça de heróis, sòmente lembrarei que no século xvi, quando Portugal exercia a sua influência sobre grande parte da Terra, domínio de que ainda possuíamos nos fins do século xviii três grandes impérios, e agora

mesmo dois acompanhados de preciosas jóias como são as Índias, Guiné, S. Tomé e Timor; resultado obtido à custa de uma orientação profundamente científica e admirável heroísmo a população de Portugal pouco excedia um milhão de habitantes!

Hoje, aqui neste hospitaleiro canto da Europa, pouco excederá 6 milhões, mas contam-se por muitas dezenas de milhões os descendentes de portugueses que por êsse mundo fora atestam a gloria dos nossos passados, e se honram com a civilização que levamos a longínquas paragens, onde ainda hoje o nome português é lembrado com carinho e salidade, como aqui mesmo, dentro em pouco, nos será provado pelo sábio investigador Doutor Pieris, que o Instituto de Coimbra saúda com gratidão, falando-nos de Ceilão.

Hoje que os problemas mundiais atingem a maior complexidade, mais do que nunca pertence à intelectualidade portuguesa demonstrar que tem uma orientação definida. E felizmente que assim sucede, sendo motivo para exaltar a circunstância de que essa orientação não se afasta da trajectória traçada pelos primeiros Reis de Portugal, verificando-se quanto foi natural e oportuna a aliança que estabeleceram, visto que tem resistido a todos abalos mundiais, e não só pelas razões de Estado, mas também pelas disposições do sentimento dêstes dois povos, ela subsiste cimentada por uma constante lealdade e manifesta afeição. Dão dêste facto cabal demonstração os testemunhos de amizade que em tôdas as ocasiões oportunas nos manifesta Sua Magestade El-rei Jorge V, a quem respeitosa e saúdo, desejando-lhe e ao nobre povo inglês as maiores prosperidades, e a dedicação que ao nosso país tributa o Ilustre representante da grande nação Inglesa, que ainda há pouco teve ocasião de demonstrar a sua simpatia pelo nosso país, conservando-se aqui, quando outro pôsto lhe cabia em região que o poderia atrair pela intensidade da vida moderna.

Bem apreciado é êste facto, como o atesta o entusiasmo com que Sua Excelência é recebido neste meio em que palpita com intenso patriotismo a juventude a quem dentro em pouco pertencerá a direcção dos destinos do nosso povo.

O Instituto de Coimbra, orientado por estas elevadas considerações, inspirou-se também em razões de ordem científica para adoptar a resolução que nesta sessão encontra o seu início de execução — empenhar-se pela difusão no nosso país da cultura inglesa. Para que scienti-ficamente ficasse justificada esta resolução bastaria notar que são glória da nação inglesa figuras imortais como Newton, Shakespeare e Bacon.

Mas é bem sabido que não é preciso recuar tão long., nem subir

tão alto, para termos na ciência e literatura ingleza a afirmação dos mais preciosos valores, indispensáveis para tomar profundo conhecimento do estado actual da ciência e para nos deleitarem o espírito, e agora só lembrarei, entre tantos que se impõe à nossa consideração príncipes da ciência como J. J. Thonson, Larmor, Rutheford, Edihgton, Dyson, Fowler, Turner, e que ainda há pouco a ciência sofreu perdas colossais como foram as de Lord Salisbury, que a par de iminente homem de Estado deslumbrou o mundo científico com a admirável síntese do discurso inaugural que pronunciou em Oxford, acumulando os elevados cargos de Chanceler daquela Universidade e de Presidente da Associação Britânica para o avanço das ciências, e de Lord Kelvin, Wiliam Thonson, que em atenção às inúmeras descobertas com que enriqueceu a ciência e dotou os conhecimentos técnicos, justificadamente mereceu ser depositado na Abadia de Westminster ao lado de Newton, *honra do género humano*, como numa singela inscrição se lê sobre o seu túmulo.

Acrescentarei que o Instituto de Coimbra tomou esta resolução com a convicção de poder dar-lhe o devido seguimento, porquanto com satisfação posso afirmar que os seus membros desde muito que vêm apreciando no devido valor a ciência e literatura inglêsas que em contacto constante com elas se encontram os nossos Professores, e agora só lembrarei que ainda em conversa de hontem, os meus ilustres colegas Doutor Anselmo de Carvalho para a meteorologia, Doutor Egas Pinto Basto para a Química, Doutor Joaquim de Carvalho para a filosofia me encareciam o poderoso auxílio que na ciência ingleza encontravam. E sem mais demora começará a nossa tarefa com sucessivas publicações e conferências, que hoje vão ser inauguradas, devendo seguir-se lhe imediatamente outras já anunciadas do Doutor Anselmo de Carvalho sobre a meteorologia em Portugal relacionada com a previsão do tempo na região noroeste da Europa, do Doutor Joaquim de Carvalho sobre Jacob de Castro Sarmiento e a filosofia ingleza em Portugal, do nosso ilustre consócio, Dr. E. Prestage, que é já um assíduo e apreciado colaborador do Instituto.

Outros muitos virão, contando também com o precioso concurso dos sábios inglezes, para o que de muito nos valerá o prestigioso apoio de Vossa Excelência Senhor Embaixador. E é agora ocasião de observar que no ponto de vista sentimental esta sessão me toca vivamente, porque ousarei considerar na presença de Vossa Excelência, certamente determinada superiormente pela sua dedicação bem provada ao nosso país, e pela especial consideração que quis manifestar à nossa Universidade e ao Instituto de Coimbra, também uma ténue influência de amizade com

que se tem dignado honrar-me, e que é para mim do mais alto aprêço, tendo a maior satisfação em poder demonstrar em tôdas as ocasiões a Vossa Excelência a minha profunda gratidão.

Excelentíssimo Senhor Embaixador! Nas sessões que o Instituto de Coimbra tem realizado nesta sala eu tenho solicitado dos Ilustres Reitores da Universidade a honra da sua Presidência, mas hoje estou certo de que é também Sua Excelência o Reitor, ilustre membro do nosso Instituto, que liga os seus votos aos meus esperando que Vossa Excelência nos dará a insigne honra de presidir a esta sessão, e eu peço também licença para aproveitar esta ocasião para comunicar a Vossa Excelência que o Instituto de Coimbra se honrou elegendo Vossa Excelência seu sócio honorário em sessão exclusivamente destinada a esta deliberação.

---

E.<sup>mo</sup> SR. EMBAIXADOR DE SUA MAJESTADE BRITÂNICA :

O Instituto de Coimbra, se bem que há mais de 75 anos tenha prestigiada vida própria e independente da velha Universidade portuguesa, nunca deixou de manter com esta as mais estreitas relações de amizade e de colaboração recíprocas. De tal forma que é sempre com muito gosto que a Universidade acolhe o Instituto quando êste, como agora, utiliza, para as conferências que benemèritamente promove, e como sua própria, a Sala Nobre em que nos encontramos.

Acontece, pois, que, no momento, é esta sala antes do Instituto de Coimbra do que da Universidade. E, por isso, ao primeiro, pela voz autorizada do seu digno Presidente, coube preferentemente agradecer a Vossa Excelência a honra da visita.

Mas, mesmo em condições tais, não pode o Reitor da Universidade de Coimbra esquecer que é sob os tectos desta casa, que apreciáveis analogias oferece com aquela Casa de Oxford de que V. Ex.<sup>a</sup> é ilustre graduado, que actualmente se encontra o mais alto representante em Portugal da grande Nação Inglesa. E o ter isso presente ao espírito imediatamente implica, para mim, o sentir, pela Universidade, grande honra e maior satisfação.

Uma e outra não resultam, porém, só do facto de o País de que Vossa Excelência é eminente Embaixador ser a Nação tradicionalmente amiga e aliada da nossa. Porque, longe de ser-nos indiferente, é para nós extremamente grata a circunstância de ser pessoa de tão distintas

qualidades de espírito e gentileza de trato a que representa a grande Britânia, pela prosperidade da qual fazemos os mais calorosos e os mais sinceros votos.

Excelentíssimo Senhor Embaixador! De há bastantes séculos já que a Velha Inglaterra e o Velho Portugal têm o hábito de encontrar-se nos caminhos da honra e do dever, que freqüentemente para ambos têm sido os da glória, e, para ambos, se tornaram, também, os da amizade. E essa amizade sempre, por certo, se continuará estreitando em muitos mais séculos que ainda volverão.

Mas a verdade é que, se atendermos ao valor dos sólidos e leais sentimentos de tão provada e mútua simpatia, não podemos deixar de estranhar e de sentir que, para o robustecimento dela não tenha também contribuído, na medida que seria para desejar, um mais completo conhecimento recíproco no campo das sciências e das letras, que tanto trabalho tem tido pelos filhos de Inglaterra e pelos de Portugal!

Porque a colaboração nesse campo, se é menos brilhante e aparentemente menos gloriosa do que aquela que se pode realizar, e tantas vezes os nacionais das duas Pátrias têm realizado nos campos de batalha, não deixa de ser movida também por altos e nobilíssimos ideais.

O Instituto de Coimbra, que de tanto préstimo tem sido para a nossa Universidade e para a Terra Portuguesa, por certo deseja concorrer, e está mostrando que grandemente pode consegui-lo para a Inglaterra e Portugal, ainda nas pacíficas mas também honrosas lides do espírito, melhor e mais do que até agora confraternizem, para que melhor e mais se apreciem e conheçam. A presença de Vossa Excelência aqui neste momento e a audição de que vamos ter o honroso proveito da conferência do sábio Doutor Pieris são disso o testemunho eloqüente.

É evidente que esta valiosa realização que ao Instituto de Coimbra se ficará devendo em muito haverá de atribuir-se ao prestígio pessoal e à dedicada e competente actividade do Ex.<sup>mo</sup> Presidente da sua ilustre Direcção. Um serviço a mais, e dos maiores, teremos de inscrever na larga fôlha do Senhor Professor Doutor Costa Lôbo, cuja preocupação constante tem sido a de honrar a Universidade que tanto se honra de o possuir como Mestre e que tanto se orgulha com os seus triunfos. E precisamente temos a grata notícia de que a estes vem acrescer mais um e bem digno de nota que êle é: quero referir-me à concessão ao nosso ilustre Colega do prémio Jansen, de Astronomia, pela Academia de Sciências de Paris, acontecimento a propósito do qual o Senado Univer-

sitário, hoje retinido, resolveu fazer consignar nas suas actas um voto de congratulação e um voto de louvor a quem tanto o merece.

Em nome da Universidade de Coimbra eu peço licença para apresentar ao Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Direcção do Instituto de Coimbra as melhores felicitações pela iniciativa que neste momento festejamos, com a mesma satisfação com que já tive a honra de apresentar a Vossa Exce<sup>l</sup>ência Senhor Embaixador de Inglaterra as nossas homenagens.

Disse.

---

SENHOR PRESIDENTE DO INSTITUTO DE COIMBRA :  
SENHOR REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA :  
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES :

I much regret that I am not sufficiently conversant with the Portuguese language to be able to adress you in it and i therefore beg your permission to speak in English. That i should do so is perhaps opportune, seeing that one of the objects of our meeting to-night is to promote still closer relations between our two countries.

Dr. Costa Lôbo, who for many years past has been one of my most intimate and devoted friends, has been good enough to welcome me here in more warm and flattering terms than I deserve. I tender him my most sincere thanks, as I do also to the Rector of the University of Coimbra for his kind words.

When Dr. Costa Lôbo referred to the sympathy that I have for Portugal he did not exaggerate, he only spoke the truth. I had always felt an interest in your country on account of its glorious history and achievements in discovering new worlds and on account of the close connection that has existed between Portugal and England for many centuries. I was therefore filled with joy when the King, my August Sovereign, appointed me his representative in Lisbon thirteen years ago. Since I arrived here it has been my agreeable duty to render still more intimate the relations between the two countries which have been consecrated in several solemn treaties of alliance, the first one of which dates from 1386 and is by far the most ancient treaty in the world. My work has been rendered easy owing to the sympathy and co-operation that I have invariably met with in all classes of Portuguese society. If I look back along the centuries that have passed, I feel convinced that

this alliance has been beneficial, and that the prestige, trade and commerce of both countries have benefited from it. There is, however, a gap, an incompleteness in our Anglo-Portuguese relations, namely, in the field of science. The President of the Institute, Dr. Costa Lôbo, whose talents and work have made him distinguished in scientific circles throughout the world, has noticed and regretted the lack of scientific co-operation between the two countries, and has determined to do all in his power to promote a community of interest between Portuguese and English savants by bringing to the notice of the former the valuable research work that is being carried on in my country. It is for that purpose that we meet to-night, and it is my fervent hope that these first steps may produce important and durable results.

Besides the interesting discourse that Dr. Costa Lôbo will most certainly give us, we shall have the pleasure of hearing my distinguished compatriot, Dr. Pieris, a member of many well-known societies and the author of numerous works on the history of the Far East, who will address us to-night on a subject which will no doubt interest us, namely, that of the Portuguese in Ceilon.

It is not the first time that I have the honour to sit in this noble hall of the venerable and renowned University of Coimbra, a University of the same age as that of Oxford, of which I was a member. On the previous occasion when in 1921 the Fourth Centenary of your celebrated navigator Fernando de Magalhães was commemorated, I was, as now, the guest of the Institute of Coimbra, an Institute which not only numbers among its members all the most distinguished men of learning of Portugal, but which also has enlisted the co-operation of wide world notabilities in the field of politics and science in its interesting periodical. The announcement made to me by my friend, Dr. Costa Lôbo, that this august Institution has done me the honour of electing me an honorary member, causes me the greatest pride and, at the same time, some confusion as I fear that I in no way merit such a distinction. I beg leave to express to the President and members of the Instituto de Coimbra my most sincere thanks for the very high honour conferred on me and to assure them that so long as I live my services will be always at their disposal.

---